

CUIDADO

Tema da última redação do Enem, a economia do cuidado está em discussão na sociedade e no governo. Caso fosse remunerada, a segunda jornada feminina acrescentaria 13% ao PIB brasileiro

O trabalho invisível das MULHERES

» PRISCILA CRISPI

Mulheres esgotadas e desvalorizadas: esse é o cenário apresentado por diversas pesquisas que tentam medir o custo e o valor social da chamada economia do cuidado. O termo, que ganhou repercussão nas últimas semanas por ser tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) deste ano, se refere às atividades de afazeres domésticos e cuidado com pessoas, diz respeito tanto ao trabalho profissional de empregadas domésticas e babás, como às duplas e triplas jornadas de mulheres que precisam dar conta do serviço fora e dentro de casa.

“Outro nome que damos para isso é trabalho reprodutivo, que é gerar, mas também cuidar, criar, trazer valores, socializar indivíduos, e, historicamente, as mulheres são responsáveis por ele. Estamos falando sobre uma das mais vitais instituições da sociedade, sem esse trabalho realizado no âmbito doméstico, não há trabalho produtivo”, explica Camila Galetti, doutoranda em sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) e pesquisadora em teoria feminista.

Segundo pesquisa divulgada em outubro pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), o trabalho não pago de cuidados nas famílias, em média para todo país, é 65% realizado por mulheres. A divisão é ainda menos igualitária em regiões mais pobres e com menores níveis de instrução, como Norte e Nordeste.

Carlos Vieira/CB/DA Press



Marília da Silva, dona de casa, com os dois filhos: “tenho cinco minutos por dia para mim”

Caso fosse contabilizado, esse trabalho teria acrescentado 13% ao Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, nos últimos 20 anos, valor equivalente ao PIB do estado do Rio de Janeiro. Para monetizar um trabalho que na maioria das vezes passa despercebido, a fundação usou como parâmetro os valores recebidos por profissionais que realizam as mesmas atividades de forma remunerada.

Globalmente, um estudo do Comitê de Oxford para o Alívio da Fome (Oxfam), mostra que

essa realidade é parecida. Mulheres realizam mais de três quartos do trabalho de cuidado não remunerado no mundo, o que teria contribuído com US\$ 10,9 trilhões para a economia global em 2020, se recebessem um salário mínimo pelas tarefas que realizam.

O levantamento da FGV afirma que a enorme diferença de trabalho observada entre homens e mulheres é resultado de uma construção social histórica que destina às mulheres o lar e aos homens os espaços públicos.

Apesar dos avanços no mercado de trabalho, a responsabilidade com a família continuou quase exclusivamente sobre as mulheres ao longo das duas décadas em que a pesquisa foi conduzida.

O excesso de trabalho no lar acaba as impedindo de alcançar melhores posições na vida profissional. “Por outro lado, os homens conseguem se ajustar a essas demandas justamente porque têm uma mulher em casa, que vai arcar com esse trabalho imprescindível, mas não remunerado”, afirma o relatório do estudo.

“Nos chama a atenção o fato de não haver grandes mudanças na quantidade de horas que homens e mulheres se dedicam aos afazeres domésticos. Para um período tão longo, a realidade mudou pouco, apesar do aumento na renda per capita dos brasileiros”, diz Claudio Considera, economista coordenador da pesquisa.

Lorena Gullo, 34 anos, mora em Águas Claras, é professora e mãe de três crianças: João, 10, Elis, 8 e Malu, 2. Se dividindo na rotina entre a escola e sua casa, ela diz que tem menos ajuda do